

REVISTA CATHARINENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL DESTINADA A DEFEZA DOS INTERESSES
DO
ESTADO DE SANTA CATHARINA

✧ COLLABORADORES ✧

Conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1.º Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, dr. Theophilo Nolasco d'Almeida, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Evaristo Nunes Pires, dr. Celso Bayma, Luiz Nunes Pires, C. Marques Leite, Nestor Passos.

✧ Fevereiro de 1900 ✧

CAPITAL FEDERAL

RUA DA CARIOCA 34—1.º andar

TYPOGRAPHIA L. MIOTTO

13 BECCO DO FISCO 13

RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE

A REVISTA DE SANTA CATHARINA apparecerá uma vez por mez,

As opiniões emittidas pelos colaboradores correm sub sua responsabilidade exclusiva.

Serão recebidas todas as communicações de interesse publico, dependendo a publicação do juizo da redacção.

A direcção da REVISTA está, provisoriamente, affecta ao dr. Theophilo Nolasco de Almeida, presidente do CENTRO CATHARINENSE, servindo como redactor-secretario, tambem provisoriamente, o 1.º secretario da mesma sociedade.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Secretaria do CENTRO CATHARINENSE, rua da Carioca 34—1º andar.

ASSIGNATURAS

Anno 8\$000

Semestre 5\$000 Trimestre 3\$000

Numero avulso 1\$500

ANNUCIOS

Uma pagina, 10\$000—Meia pagina, 6\$000—1/4 de pagina, 4\$000.

Quando o annuncio tenha de ser publicado mais de uma vez, gozará de abatimento.

PAGAMENTO ADIANTADO

“Centro Catharinense”

(Sede: Rua da Carioca 34 1º Andar)

PRESIDENTE

dr. Theophilo Nolasco d'Almeida.

1.º VICE-PRESIDENTE

1º Tenente dr. Nepomuceno Costa.

2.º VICE-PRESIDENTE

Capitão-Tenente Henrique Boiteux.

1.º SECRETARIO

Alferes alumno Nestor Passos.

2.º SECRETARIO

Osmany Martins.

1.º ORADOR

dr. Celso Bayma

2.º ORADOR

THE SOUREIRO

Manoel Paulino de Aguiar.

BIBLIOTHECARIO

Manoel Luiz da Costa.

COMISSÃO FISCAL

Rodolpho Goudel, Mario Brandão e Humberto Lobo.

CAIXA BENEFICENTE

Eduardo Paiva, Annibal Nunes Pires, Alferes Hermelino Jorge de Lihares e Emilio Simas.

Commissões Permanentes

FLORIANOPOLIS

Durava Varella Alves, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Leonidas Branco, Adalberto Gil Ribas, João Grumichè, Amphiloquio Marques da Silva e José Antonio de Souza Junior.

TUBARÃO

Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e Francisco Gonçalves da Silva Barreiros.

GRATOS

Sentimo-nos captivos da maneira por que fomos recebidos. Franca manifestação da mais perfeita coincidência de vistas, plena solidariedade ao nosso procedimento, acceitação animadora, conforto hospitaleiro e sincero: eis a atmosphera em que vivemos nós, os operarios da *Revista Catharinense*.

Rithmados nas mesmas vibrações, quer isso dizer, parece nos, agitam-se o nosso coração e as necessidades do Estado de Santa Catharina.

Que recompensa maior nos é dado aspirar?

Só podem comprehender quanto nos sentimos cheios de contentamento, aquelles que tenham, pelo menos uma vez, levado a termo empreza em que sintam empenhado o seu amor proprio. Só aquelles a quem tenha sido dado realisar com exito, uma tentativa difficil, em cuja jornada as difficuldades marcam as hesitações, podem comprehender-nos.

A alegria inegualavel que nos inunda, compensa quanto dissabôr nos tenha trazido a *Revista*, quanto incommodo tenhamos tragado para cumprir a divida que nos impuzemos, ao iniciar os nossos trabalhos. Vale muito para nós: é tudo, é mais do que nos fôra permittido esperar.

Não será inopportuno, portanto, dizer aos promotores dessa satisfacção, a quem soube tão galhardamente impôr-se ao nosso reconhecimento, que, neste posto de luctas, procuraremos corresponder á confiança inclusa no apoio com que se dignaram corresponder ao appello feito aos seus sentimentos de amor e devotamento ao pedaço do Brasil a que nos achamos mais intimamente ligados.

Aos assignantes e favorecedôres da *Revista Catharinense*, pois, os nossos mais sinceros agradecimentos, que se estendem aos illustres collegas da imprensa, pelas palavras bondosas, escriptas a proposito do nosso apparecimento, e abaixo transcriptas.

« Temos sobre a mesa o 1.º numero da *Revista Catharinense*, publicação mensal destinada á defesa dos interesses do Estado de Santa Catharina, sob a direcção do sr. dr. Theophilo Nolasco de Almeida.

Bem impressa e com excellentes texto.

São collaboradôres da *Revista* os Srs. Conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1.º tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, dr. Theophilo Nolasco d'Almeida, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Celso Bayma, Luiz Nunes Pires, C. Marques Leite, Nestor Passos.

Desejamos longa vida á novel collega.»

(*Cidade do Rio*)

« Recebemos a nova *Revista Catharinense*, periodico que se propõe a defeza dos interesses do Estado de Santa Catharina, sob a direcção de muitos dos mais illustres e conceituados filhos d'aquella terra.

A' nova collega deseja a *Rua do Ouvidor* uma existencia longa e prospera em beneficio da grandeza nacional.»

(*Rua do Ouvidor*)

«A patriotica colonia catharinense do Rio de Janeiro, de que é voz o incansavel «Centro Catharinense», deve estar rejubilada, por ver coroada com os louros da realidade a ideia

que sempre teve de manter, longe do seu torrão natal, uma revista para tractar dos interesses desse mesmo torrão.

Assim é que aquelle «Centro» acaba de publicar o primeiro numero da *Revista Catharinense*, de que é redactor chefe o nosso illustre e intelligente patricio dr. Theophilo d'Almeida, secretariado pelo nosso joven conterraneo Nestor Passos.

Agradecendo a visita com que nos honrou, desejamos, pelos altos intuitos a que se destina, uma longa existencia, sempre em pról dos nossos patricios desvelados pela sorte, sempre em pról da heroica terra catharinense, desse bemdito pedaço da nossa mãe patria—o Brasil.»

(*A Ideia*, de Florianopolis)

«Da distincta directoria do «Centro Catharinense» da Capital Federal, recebemos a revista dessa associação, que será publicada mensalmente.

O seu primeiro numero, caprichosamente bem impresso, traz leitura variada.

No seu artigo programma diz a *Revista Catharinense*:

Fazemos votos para que os empenhos dos nossos distinctos patricios do «Centro Catharinense» que, na Capital Federal, tanto trabalham pelo engrandecimento da nossa terra, sejam coroados do exito que merecem.»

(*O Estado*, de Florianopoli)

«Temos sobre a mesa o primeiro numero da *Revista Catharinense*, publicação mensal, na Capital Federal, destinada á defesa dos interesses deste Estado.

Do seu artigo-programma extrahimos o seguinte :

A' *Revista* desejamos longa vida.
(*Republica*, de Florianopolis)

Sabbado de Passos

(SANTA-CATHARINA)

Eil-a que desce, a Imagem Veneranda, de sua capella na igreja do Menino Deus para a Matriz da cidade!

Desde o meio dia que os sinos do gracioso templo dobram pesadamente, infundindo nos moradores do lugar um certo sentimento de tristeza.

Os doentes do Hospital de Caridade, que lhe é annexo, despertam nesse dia pezarosos, como si tivessem o presentimento de uma grande desgraça; não ha alegrias; ais sentidos escapam-se de vez em quando de seus peitos habituados ao soffrimento: é que a imagem de Jesus, do amoroso Jesus, vai deixal-os por 24 horas!

E elles tão affeitos estão áquella convivencia, a recorrerem á efficacia do seu auxilio, que a ausencia—posto que temporaria—se lhes afigura a perda de um grande bem, cujo valor sabem devidamente apreciar.

Tristonhos e pouco communicativos arrastam-se para um lado e outro, e extremecem ás primeiras notas dos sinos em dobre, e no emtanto Jesus ainda está na casa!

Lá fóra, desde cedo, chegam as lanchas e canôas conduzindo familias das freguezias adjacentes e visinhas, para assistirem á procissão do Senhor, e lembro-me bem de que ha 30 annos atraz esse movimento começava á quinta-feira.

Qual era a patente superior da guarda nacional, qual era a influencia dos municipios e parochias proximas que, por via de regra, não tinha na capital a sua casa para assistir a essa e outras festas e, na sua falta, a de um amigo?

O movimento na direcção da cidade começava, pois, na quinta-feira, para ir até o cair da tarde de sabbado, porque assim como na capital a pessoa que pôde sahir não deixa de concorrer á imponente solemnidade, assim tambem as de fóra, num raio de 12 leguas, dispondo de recursos, não se deixam ficar em casa, mas vêm render ao Senhor dos Passos as homenagens da sua veneration.

E' a epocha das amendoas e dos confeitos que aquelle povo laborioso sabe fazer com arte e enfeitar com apurado gosto, desde o cartucho até as delicadas cestas.

A' tarde toda a cidade agita-se na mesma direcção, todos convergem para a igreja do Menino Deus, cuja situação não pôde sêr mais pittoresca e a que se chega por uma ladeira de dois lances.

Anoitece. As ruas por onde tem de passar o prestito religioso, illuminam-se de ponta a ponta; a multidão é colossal, porque toda a cidade está alli n'um *rendez-vous* expontaneo, para o qual não houve convites senão uma indicação do calendario—o sabbado da quinta semana de quaresma.

Out'rorá, antes da separação da igreja do Estado, a tropa formava em baixo da ladeira, em linha de frente— a do exercito e a da guarda nacional— para incorporar-se ao prestito á passagem.

Um pouco antes das sete horas da tarde chegava o elemento official, o presidente com seu secretario, acompanhados dos chefes de todas as re-

partições publicas, geraes e provinciaes, com seus empregados; a auctoridade superior militar com seu estado-maior; a da marinha com seus officiaes; commandante superior da guarda nacional com a officialidade dessa milicia, emfim todo o mundo official, porque, official segundo o compromisso, era o acto que se ia celebrar.

Recebido pelo pessoal dirigente da corporação, organisava-se o prestito com extrema facilidade desde que havia o concurso de todos.

Na frente o rapazio a conduzir archotes; depois a irmandade com seus balandráos de gorgorão de seda roxa e murça da mesma fazenda, preso ao pescoço por colchetes e deixando pender cordões entretecidos de fios de ouro, terminados por borlas da mesma natureza, faz alas ao guião que desce desarmado.

Vinha então o elemento official, ficando o presidente e as mais altas auctoridades militares junto do andôr do Senhor, que desce encerrado em um biombo octogonal, forrado de damasco de seda achamalotado.

Logo em seguida á charola, grupam-se a multidão innumeravel dos penitentes, conduzindo suas promessas, a consistirem especialmente em velas de cera; não é raro verem-se tambem pessoas de distincção, homens e mulheres descalços, e populares nus da cintura para cima, levando na cabeça pesadas pedras, que seguram com as duas mãos.

Não ha anjos.

Põem-se em marcha; os doentes, que teem acudido ás janellas do Hospital, aos magotes, irrompem então n'um pranto angustioso, só sopitado mais tarde para ceder o logar a intermitentes soluços...

Eil-a que desce, a Imagem Veneranda, curvada ao peso do ingrato madeiro !

O recolhimento é completo ; a devoção não pôde sêr maior, como maior não pôde ser o respeito com que cada um toma o seu lugar.

Nada de barraquinhas, nem kiosques, nem bazares, nem cousa nenhuma ; o acto é puramente religioso, e por toda a diversão—antes da sahida e depois da entrada da procissão—amen-doas e confeitos deliciosos, artistica e graciosamente arrumados em cartuchos, caixas e cestinhas, tudo fabricado com aquella habilidade peculiar ás catharinenses.

Descida a ladeira, incorpora-se a tropa ao prestito, agora avolumado pela compacta massa dos penitentes que não poderam ir até o cimo, sobragando arrobas e arrobas de cera em velas, de que trazem accesas as que podem.

O espectáculo é então lindíssimo, toda a ladeira está convertida n'um rio de fogo, que se alastra ainda pela planície, na cauda da procissão.

E ahí vem a Imagem Veneranda, seguida pela enorme serpente ignea, a collear pelas ruas da cidade, por seu turno illuminadas de ponta a ponta.

Outr'ora, quando a cadeia estava situada á Praça de Palacio, esquina da rua da Constituição, por onde passa a procissão, os presos illuminavam as grades de suas prisões, o que apresentava um aspecto interessante.

Por ultimo a Imagem tem feito já sua entrada na Matriz e o cordão humano arrasta-se ainda pesadamente a distancia consideravel.

A noite é passada na igreja em meio de canticos sagrados.

1899.

R. J.

Transfiguração



I

Cabeça de Sant'Anna, e esculptural figura
De uma bella madôna:
Quasi aos seus pés um cão, na languida postura
Em que dorme e resôna.

A tua velha mãe conversava: ao seu lado
Estavas tu sentada,
Tu a estrella do lar, o genio abençoado,
A generosa fada.

Era vasto o salão : as tremulas cortinas,
Das portas entreabertas,
Ao rapido fremer das brisas vespertinas,
Agitavam-se incertas.

Batia a chuva sobre as vidraças das portas:
A noite penetrava
Com sombras, e a fugaz mudêz das cousas mortas
Que em torno derramava.

Os quadros do salão, na tremula incerteza
Das cousas duvidosas,
Pareciam soltar uma e uma, em surpresa,
Subtil, silenciosa,

A legião de herôes, que o seu pineél pintara,
E dêra luz e vida,
Com que, sempre de ver, a austêra mãe gostava
A sala guarneçada :

Porque a filha gentil, que é uma Fornarina
Na plastica belleza,
Tem, como Raphael, a pallêta divina,
E o amôr da natureza,

A vasta sala toda, em vaga luz banhada,
Nas sombras se perdia;
Obra de Miguel Angelo, em marmore lavrada
O grupo reflectia...

II

E a sombra entrava entretanto,
Tomando cada recanto
Do vastissimo salão:
E aquelle grupo sentado
De mãe e filha, e ao seu lado
Em quatro patas o cão :
Naquelle recinto môrno
As sombras dançando em torno,
As vêsgas sombras estão.

São as sombras das figuras
 D'aquellas bellas pinturas
 Pintadas por teu pincel,
 Que nestas vastas parêdes
 Em quadros doirados vêdes,
 Entre mainel e mainel.
 Ou são ellas por acaso
 Do ciume, em que me abraso,
 Fórmias de sombra e de fe! ?...

São essas vans creaturas
 Delirantes conjecturas
 De minha louca paixão ?
 A minha raiva impotente,
 Que ulula, que freme, e sente
 As angustias de um vulcão,
 Que um fogo interno lacera,
 E lança, pela cratera,
 Cinzas, metaes em fusão ?

E entre a fumaça, que ondeia,
 De que su'alma está cheia...
 Será, que della atravez,
 Só pude ver, o que passa ?
 Sentir a minha desgraça,
 Como um abysmo a meus pés,
 Dizer-me: por quem te enlévas ?
 Gritar-me uma voz das trévas :
 Maldito... maldito és !?...

Cada gotta, que cahia,
 D'aquella chuva, batia
 Dentro do meu coração,
 Como ferro derretido
 Por sua mão espremido,
 Lançado por sua mão !
 Ai! tu se não tens piedade,
 Anjo, que anjo ser ha de
 O da minha salvação ?

Se tu não queres, não puedes...
 Se as sombras negras saccodes
 Do teu desamôr fatal ;
 Se me deixas no caminho
 Sem um affago, um carinho,
 Que tem um pobre animal ;
 Que ha-de ser do meu destino,
 Sem o teu sol, sol divino,
 Sem tuas chammas, Vestal ?...

Diana, deusa, rainha,
 Eram as sombras, que eu tinha
 Dentro de mim, as que vi
 Encher o salão em tórno,
 Cada olhar pallido e mórno,
 Cada bocca, que não ri,
 Cada cabeça oscillante,
 Como a de um ébrio gigante
 Dançando em roda de ti.

O' Julieta, ó meu nume,
 Era o meu negro ciume,
 Era emfim o meu amôr,
 Minha paixão, meu martyrio,
 Meu coração em delirio,
 Minha cabeça em fuôr,
 Era emfim minha agonia,
 Que o vasto salão enchia
 De sombras, susto, e pallôr.

E a tua bella cabeça,
 Onde talvez amanheça
 Um raio de compaixão
 Pelo pobre desgraçado
 Inclina-se de lado
 A affagar aquelle cão:
 E em attitude singella,
 Da mãe veneranda e bella
 Tu apertavas a mão.

Era um grupo primoroso!
 A mãe e a filha em repouso,
 Como um grupo de metal
 De uma só peça fundido,
 Do mesmo molde sahido
 Grande, nobre, original :
 A cabeça de Sant'Anna
 Junto á frente de Diana,
 Fazia um grupo genial...

III

Tu me viste passar, estrella peregrina,
 Tu me viste passar:
 E deixaste-me ir triste e só: pesa, imagina,
 Si 'pódes, meu pezar.
 Pensa, que eu tenho em ti o anjo, que consola,
 A luz, que me sorri,
 O sol, a que me aqueço, o Céu em que elle rói;
 Eu tudo tenho em ti.

Tu, que sabes amar, soffrer, pensar... pois pensa
 No meu fatal amor,
 No meu soffrer atroz, na minha angustia immensa,
 Na minha immensa dôr.

Tu, que sabes amar, soffrer, pensar, — pondera
 Um momento se quer:
 Das glorias do teu céu, anjo, brada-me: Espera:
 Ou mata-me, mulher.

IV

Tu me viste passar: deixaste-me sosinho
 Na saleta fronteira:
 Foi-me Golgotha e cruz, foi fel em vez de vinho
 Ai! aquella cadeira!

Embalde em torno a mim rumorejando estavam
 As tuas irmanzinhas:
 Aves do céu, embalde aquelle céu volteavam:
 Embalde! — Tu não vinhas.

Devia ser azul, devia ser brilhante,
 Devia ser festivo
 O céu, que aquelle pâr dourava nesse instante
 Mas... era para um vivo.

Cotovias gentis annunciando auróras
 Alegres, e serenas,
 Sôes a nascer, do bosque as musicas sonóras...
 E eu era um morto apenas.

O' Sol do meu amor, sim! tu emfim virias
 Como um raio de conforto:
 Cahiria esse raio em lagrimas já frias,
 Nas palpebras de um morto.

E tu vieste emfim, trazendo sobre os dentes
 A vida n'um sorriso:
 Rolou no mesmo instante a porta a dois batentes.
 Abriu-se o paraíso...

LUIZ DEL FINO

(Continúa)

O PORTO

DE

S. FRANCISCO DO SUL

—◆—

ARSENALS

II

Sendo o assumpto um dos mais importantes ou, talvez, o de maior importancia para a marinha, não me foi

possivel encetar-o, sem antepôr esta pequena critica, afim de, no futuro, não incidirmos em identicos erros. Além disso, devo desde já prevenir, não será esta a ultima vez que a tal me veja obrigado, desviando-me portanto do alvo que devo attingir, forçado pelas innumeradas causas e irregularidades, que enormemente influem na boa direcção do assumpto e que de modo nenhum devem ser desprezadas.

E' preferivel tambem, como pretendo fazer, estudal-as separadamente, visto como englobadas, nunca se chegaria a um fim positivo. Assim preparado o vasto campo da materia e da discussão, uma ou outra irregularidade será sensivel e o assumpto, parece-me, terá um facil successo.

Eis porque, ainda antes de estudar o Porto de S. Francisco, mostrando quanto a natureza foi prodiga para este Brazil, e quão adequado está elle, não só para um porto militar, como para um arsenal, ou ainda para ambos os melhoramentos, eu devo confessar ao leitor, que me é bem dolorosa a lembrança de não ver, talvez, um dia, realisada a minha idéa; mas, confiado no futuro, juiz imparcial das nossas causas, delle tudo espero em breves tempos.

Devo, porém, justificar os meus receios e estes são baseados, parece incrível, na immensidade e riqueza do nosso Paiz. Desconhecemos o que possuímos, perdemos a noção do valor do que temos, e até a propria imprensa nos parece pequena e pobre, neste vasto colosso Americano...

Assim, não admira que cada um apresente um local apropriado, já por aquelles motivos, já pela diversidade de opiniões, e é por isso que, quando autoridades na materia, como Jaceguay e Mello, chamaram a nossa at-

tenção para a ilha do Boqueirão, Saldanha e outros manifestaram-se pela Ilha Grande. Hoje, porém, que se estuda para o mesmo fim a bahia de Sepetiba, eu, sem pretender paralelo com as autoridades acima mencionadas, estudo com o maior interesse o Porto de S. Francisco, quasi conhecido de que, si não fôr presentemente aproveitado, ha de vir a ser em um futuro proximo.

III

Com esta convicção e pelas condições estrategicas do porto que ora vou estudar, todo aquelle que fôr um pouco observador, notará que a idéa da aproximação do Arsenal a uma praça commercial, como a do Rio de Janeiro, foi pouco a pouco desaparecendo. Ao mesmo tempo, parece que a tendencia a affastalo de mais a mais para o Sul, se accentua. São, pois, modificações, por assim dizer naturaes, que se teem imposto como lei, que nasce dos habitos de um povo.

A principio, como é sabido, procurou-se, dentro da Bahia do Rio de Janeiro, o local desejado, e o apontado para os estudos, foi a Ilha do Boqueirão. Como o escriptor destas linhas fez parte da commissão composta dos Srs. Capitão de Fragata Frederico de Oliveirá e 1.º Tenente Adelino Martins, encarregada de levantar a planta d'aquella Ilha, julga-se habilitado a emitir a sua opinião.

Com effeito, dentro da Bahia, o lugar indicado, em seu relatório, pelo Sr. Almirante Jaceguay, é o melhor possível, pois, uma vez unida aquella Ilha ao continente por meio de uma via ferrea, que facilite a comunicação, e canalizada a agua, o

que actualmente não offerece grandes difficuldades, as suas condições para um arsenal são as desejaveis, mormente para quem conhece quão commodo é o ancoradouro de S. Bento e quanto é vantajosa esta seducção para a protelação de obras e reparos que tem de fazer o Arsenal.

Alli, a marinha só teria a lucrar, pois o navio que se acha no ancoradouro, estaria na obrigação de conservar-se sempre prompto para qualquer commissão.

Semelhante empreza, porém, nunca foi levada a effeito e assim succederá por muitos annos, porque o brazileiro, forçoso é confessar, é commodista, centralizador e carrança.

A mudança do Arsenal será, pois, um acontecimento, porque qualquer iniciativa a este respeito é logo abandonada, ante as mil difficuldades que surgem immediatamente ao espirito d'aquelles, que nem mesmo querem ver as pessimas condições a que está reduzido o nosso mais oneroso estabelecimento de marinha.

Estes obstaculos só desaparecerão, na minha opinião, no dia em que o governo resolver-se, uma vez feitos os estudos do local escolhido, a tomar a iniciativa de fundar ahi officinas e estaleiros, fazer aquisição de machinas e material novo e, finalmente, uma vez dado o impulso, reduzir o arsenal da Capital a uma simples officina, do que já não está muito longe. Com effeito, onde se acha, acanhado e sem poder desenvolver-se, os progressos da industria metallurgica, tornão-o, dia a dia, deficiente e incapaz de novos melhoramentos.

Dado o primeiro impulso, póde então o governo com facilidade desfazer-se do actual arsenal de marinha, em beneficio do commercio e da prosperidade da Patria.

E' ante a difficuldade de affastar o pessoal do actual arsenal, affeito como está ás seducções e commodidades desta grande Capital, que não opino pelo immediato abandono completo do mesmo, mas de um modo que me parece natural e facil.

As nações modernas devem assentar todo o edificio de sua organisação, em solidos alicerces já experimentados pela velha Europa e em outros ainda mais possantes, quaes os da America do Norte, que dia a dia, trazem-nos novos ensinamentos. Sò assim seremos grandes, porque o Brazil ainda é novo para crear: é imitando e aperfeiçãoando que se attinge áquelle limite maximo de desenvolvimento do cerebro humano.

O segundo local indigitado foi a Ilha Grande que, parece-me, presta-se ainda mais, pois, satisfaz a dupla condição de Arsenal e porto militar. Mas, ainda aqui predomina a crença de que a ligação do Arsenal á Capital Federal, é uma condição a semelhante empreza. E' preciso recordar que não nos achamos mais nos tempos das esquadras de madeira e que si a estrada de ferro nada tem de desvantajosa, não é, comtudo, uma condição imperiosa, como muitos pretendem.

Quanto á Bahia de Sepetiba, devo confessar a verdade: as informações dos profissionaes são as melhores possivel. Isso não impede, porem, que se estude a Bahia de S. Francisco, que, como verão os leitores, offerece tambem grandes vantagens.

Alem d'isso, o escriptor destas linhas nunca teve a felicidade de apontar áquelle ancoradouro, o que o impede de avançar qualquer juizo, pró ou contra; mas como foi e con-

tinúa a ser ideia dominante, trazer o Arsenal junto á Capital ou ligado a ella, o porto de S. Francisco, si esta vantagem não apresenta, o que tambem não é nenhum impossivel, possúe outras a meu ver mais imperiosas e d' este assumpto me vou occupar, esperando ao mesmo tempo demonstrar, como já disse no meu primeiro artigo, que as razões que outr' ora existiam para isso, escassearam em grande parte ou cessaram de vez, especialmente n'um paiz novo como é o Brazil.

T. N. DE ALMEIDA.

~~~~~

Temos sobre a nossa mesa o officio-circular em que a *Associação Beneficente e Recreativa dos Empregados no Commercio*, de Florianopolis, nos communica haver procedido a eleição da sua nova Directoria e Comissões, no dia 10 de Dezembro do anno findo, recahindo a escolha nos seguintes socios :

Presidente—João Pedro de Oliveira Carvalho, vice-presidente — Antonio Machado, 1.º secretario—Leonidas Branco, 2.º—Renato Lemos, 1.º thesoureiro—Zeferino Manoel da Silveira, 2.º—José Quintino de O. Carvalho, orador—Noberto Nunes, 1.º procurador — Raul Aquino, 2.º—Antonio Coelho Pinto, 3.º—João A. de Meira Lima.

A Comissão de syndicancia compõe-se dos srs.: João Baptista Jacques, João C. C. de Mello, Candido Machado, Targino de Oliveira e Max Freysleben, e a de contas dos srs. Antonio Bellegarde, Francisco Campos da Fonseca Lobo e Gustavo da Costa Pereira.

Nimiamente agradecida á sociedade patricia, a *Revista Catharinense* augura-lhe as prosperidades de que é digna.

## INDUSTRIA CATHARINENSE

Consoante o seu programma de vulgarisação de todas as manifestações do progresso catharinense, a *Revista* pretende iniciar uma serie de noticias, tão detalhadas quanto possível, dos estabelecimentos industriaes existentes em Santa Catharina.

Não lhe é possível, porem, para a maior parte delles, fazel-o, sem o concurso dos respectivos proprietarios, cuja bôa vontade é lícito esperar, como os maiores interessados em que da nossa tentativa surjam beneficios para a terra catharinense.

Dislate sem qualificativo seria pretender, só por estas palavras, fazel-os partilhar da nossa convicção, e, alem disso, mal apreciariamos a comprehensão que possam ter das suas necessidades. Outro tanto não podemos pensar sobre o que se refere aos residentes nos outros estados: elles ignoram, quasi em absoluto, a nossa situação industrial, commercial e agricola. Não é muito commun encontrar, quem, alem da situação geographica, conheça mais alguma cousa sobre S. Catharina.

A expansão fabril da nossa zona septentrional, a actividade agricola do sul, a riqueza pastoril da região serrana, mal transpõem os circulos limitadissimos das palestras intimas.

Não ha duvida que devemos esse mal aos parcos recursos de publicidade de que dispõe a terra catharinense, adstrictos á diminuta circulação da sua imprensa periodica e á ausencia completa de publicações de propaganda.

Está nas nossas mãos remirmo-nos em tempo dessa falta, a cuja respon-

sabilidade não nos podemos furtar. Façamol-o e teremos cumprido um dever.

Ha razão de sobra, portanto, para acreditarmos estar prestando um serviço. Em compensação, pedimos apenas aos industriaes catharinenses, nos satisfaçam com urgencia o questionario abaixo, que nos servirá de base segura a quanto tenhamos de dizer.

Estamos certos que não se negarão a informar-nos.

### QUESTIONARIO

I. Determinação topographica precisa e minuciosa do local em que se acha situado o estabelecimento.

II. Area occupada por todas as dependencias.

III. Genero de producção, capacidade productiva e producção ordinaria.

IV. Organização do pessoal, numero de empregados e regimen administrativo.

V. Data da installação, nomes dos proprietarios ou directores, e modificações porque hajam passado as respectivas firmas.

VI. Aquisição da materia prima: si no estrangeiro, si no paiz.

VII. Nomes dos representantes ou agentes nas differentes praças.

VIII. Capital empregado.

IX. Modo de funcionamento e qualidade e força do motor empregado.

Muito nos penhorariam os nossos collegas da imprensa catharinense, si nos facultassem a honra de ver transcriptas nas suas columnas, o quanto, sem merito, fica acima dito.

Ser-lhes-iamos, por isso, summamente agradecidos.

## DOLORES

Amei-te tanto, sim, amei-te tanto,  
Em mim naseu por'ti tão puro amor,  
Amava-te, cruel, com tanto ardôr  
Que acordado sonhava! doce encanto!

Amei-te com o amor que secca o pranto,  
Que mata, que enlouquece e causa dôr,  
Que do vil soffrimento a negra côr  
Estende em roscô rosto o triste manto...

Amei-te, sim, mulher, amei-te muito! ...  
E no entanto, infiel, me abandonaste  
Por outro, talvez com o mesmo intuito.

Ingrata! com as falsas juras tuas,  
Tamanho era o amor que em mim deixaste  
Que, além, d'inda te amar, amo a mais duas

ROGOUDEL.

---

## Pela defesa

Os inspirados artigos, referentes a nossa defesa, publicados no *O País*, não deixarão de merecer patrióticos applausos dos Centros Estaduaes, como nucleos que são, de congraçamento e de onde deve partir a unidade de nossas ideias: — E' do que mais carecemos no momento actual, para fortaleza da nossa Patria e feliz exito do programma, que *O País* aventou; e, uma vez orientado, os diversos «Centros» não pôdem deixar de fazer écho ao brado unisono de — Alerta! — que, unanime, partirá de todos os recantos do Brazil, inspirados na subtilidade d'este olhar profundo e scintillante que caracteriza os homens da nossa raça e já nos deixou aperceber o desvairamento de uma pirataria disciplinada, mascarada pela diplomacia, pretendendo tudo conquistar a fogo e ferro.

Que os fracos serviços do nosso «Centro» e *Revista* influam na pesada, om precisão e sensibilidade, em

prol da nossa Patria e do nosso Estado, são essas as mais grandiosas esperanças que nutrimos. Com esse intuito encetaremos, no proximo numero, uma serie de artigos com referencia ao assumpto e particularmente a marinha, para os quaes pedimos a attenção das autoridades que nos leem.

Emittimos, porém, desde já a opinião que pelas nossas Escolas Militares deve a pratica da ideia ser iniciada: Si todos hão de contribuir com um pequeno imposto, a mocidade militar não se eximirá d'elle, concorrendo, cada um, mensalmente, com a quantia de 7\$500 réis, que lhes é abonada a titulo de *soldo*; — mesmo porque, é sabido, o vencimento dos aspirantes de marinha é mensalmente recebido, mediante procuração, por uma conhecida confeitaria desta Capital, que tudo fornece para a festa de 11 de Junho naquella Escola (1).

Porque não conferir, pois, com uma fracção desta receita, premios em cada anno escolar, ao melhor atirador do fuzil, ao mais habil artilheiro, ao mais perito torpedista, etc., constituindo estes premios condições de preferencia, na classificação final?

Qual o resultado pratico da ideia, todos prevêm, ficando ao mesmo tempo de parte este subjectivismo, esta sciencia de giz, que esgota a memoria, mas tem assoberbado as nossas Escolas e é, para o militar, nocivo, criminoso e abominavel. O excesso de subjectivismo — disse um philosopho — produz a loucura; e o excesso de subjectivismo, o

(1) Esta festa, de direito, compete a esquadra e não a Escola; mas a mocidade, patriótica sempre, procura avivar os louros que cobrem a sua classe

idiotismo. E' preciso, pois, que um nunca domine o outro.

Confiantes no appello que acima fazemos e convencidos de que é preciso que a campanha continúe, afim de que algo de proveitoso mostre o mais breve possível, voltaremos, como promettemos, ao assumpto.

ARGOS.

## RECORTES

Por julgarmos de utilidade o seu conhecimento, extractamos do relatório que, sobre as condições do Estado do Paraná, enviou, ao seu governo o sr. Eugenio Seegeer, Consul geral dos Estados Unidos da America do Norte, os conceitos abaixo que muito deperto nos dizem respeito.

Acha o sr. Seegeer, em contrario a uma corrente de opiniões muito generalisada—não sabemos com que base, mas sempre em detrimento da terra catharinense—que «dos tres grandes estados meridionaes do Brazil (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catharina) o que está hoje menos desenvolvido é o do Paraná.»

Merece especial menção no relatório—Seegeer, o Porto da União, a que prophetisa futuro brilhante: «Supplantando Curityba este centro ha de absorver a maior parte do commercio deste futuroso Estado (Paraná). A construcção de estradas de ferro que, partindo do littoral de Santa Catharina e percorrendo em direcção noroeste as ricas e populosas colonias allemãs de Blumenau e Joinville, as ligue com a estrada de ferro de S. Paulo e Rio Grande do Sul (hoje em construcção) e a zona do Iguassú, é questão de poucos annos. Ambas as

linhas tem de passar pelo Porto da União, que será igualmente o ponto terminal do projectado prolongamento da estrada de ferro do Paraná, de Restinga, em direcção sudoeste, á margem do Iguassú. Concluidas as referidas estradas desenvolver-se á rapidamente o commercio da zona do Iguassú e dos planaltos fertilissimos do Estado, sendo provavel que o grosso do commercio de importação e exportação do Paraná se faça mais economicamente e com maior presteza pelos portos catharinenses de Itajahy e S. Francisco do que pela estrada de Curityba a Paranaguá. Aos nossos capitalistas e exportadores aconselho que attendam com a maior attenção o desenvolvimento dos Estados do Paraná e Santa Catharina »

Ha ainda no relatório topicos relativos á herva-matte, que muito devem interessar aos industriaes catharinenses do-norte do Estado.

Eil os :

«Da herva-matte exportada deus terços (\$1.500.000) forão para a Confederação Argentina e o Estado Oriental e quasi um terço para o Chile. Infelizmente não houve exportação deste producto para os Estados Unidos. Por muitos motivos deve ser animada nos Estados Unidos a introducção da herva-matte. A vista do que tenho observado e da minha propria experiencia julgo-me autorisado a aconselhar o uso deste excellente estimulante e tonico para os nervos. E' proeminente bebida de temperança e as sociedades de temperança dos Estados Unidos prestarião valioso serviço concorrendo para vulgarisar-lhe o consumo. A herva-matte tem todas as qualidades estimulantes e fortificantes do chá e do café e é muito barata. No Estado Oriental e

na Republica Argentina a maior parte da população inclusive os afamados gaúchos das vastas campinas, tomão habitualmente a herva-matte em preferencia á agua, chá e café, e raras vezes bebem estimulantes alcoolicos. Naquelles paizes a embriaguez quasi não existe. São quasi incriveis os trabalhos que supportão e o vigôr que desenvolvem as pessoas que muitas vezes por grande numero de dias successivos, se alimentação exclusivamente de matte.

Li ha pouco tempo em *Harpers Weekly* um artigo sob a epigraphie *Que é que devem beber os nossos soldados em paizes tropicaes ?*

Respondo sem hesitação que o que devem beber é matte, pouco importando que o tomem frio ou quente, com ou sem assucar, com tanto que tomem matte.

A este proposito tomo a liberdade de chamar a attenção para o excellente artigo sobre a *industria da herva-matte*, escripto pelo Sr. Dr. Assis Brazil, Ministro dos Estados Unidos do Brasil, e publicado no numero do *Bulletin of the Bureau of American Republics* correspondente ao mez de Maio.

E mesmo, fazendo-se abstracção dos beneficios hygienicos, poderemos conseguir importantes vantagens commerciaes se concorrermos para promover no Paraná o desenvolvimento da industria do matte.»

O sr. dr. Evaristo Nunes Pires, em attenciosa carta dirigida ao nosso redactor-secretario, prometeu o auxilio do seu saber á *Revista Catharinense*.

Passa, assim, a figurar o nome do illustre patricio, entre os dos nossos collaboradôres.

## PERDÃO

(A' S\*\*\*)

Perdão se fui criminoso,  
Se um peccado commetti,  
O' meu anjo dulçuroso,  
Se sem pensar te offendi;

Se o teu corição bondoso  
Com meu crime resenti,  
Se o teu sorriso mimoso  
Sem querer enristeci...

Eu venho, anjinho querido,  
Novamente te entregar,  
Aquillo que te roubei:

Venho triste, arrependido,  
Nos labios teus collocar  
O beijo que te furtai...

12-12-99.

MARIO EMILIO.

Devem realizar-se na primeira quinzena do futuro mez de Março, as eleições para os cargos da directoria do « Centro Catharinense ». Anima-nos a esperanza de que saibam os nossos patricios escolher homens capazes de completar a obra, já em mais de metade, da organisação definitiva da nossa associação, cujo gráo de relativa prosperidade é indicio de poder-se tornar forte bastante, para cumprir perfeitamente os fins nobres que lhe assignalam os seus estatutos.

Comquanto directamente interessados na actual administração de que nos consideramos parte minima, não é esse o motivo que nos faz dizer com tal optimismo sobre o « Centro Catharinense ». E' antes o tirocinio dos nossos cargos que nos dá a certeza do quanto avançamos, por obrigar.

nos a comparação constante das diversas phases da nossa existencia social.

Estamos autorisados a declarar que uma direcção competente e bem orientada póde, em pouco, apparellhar o « Centro Catharinense » para todos os embates.

O presidente distribuirá aos associados, em tempo, o relatório minucioso do occorrido durante a actual administração.

## Exames

Conforme promettemos, têm hoje os leitores da *Revista* o resultado dos exames prestados por academicos catharinenses nas escolas superiores desta Capital.

### ESCOLA MILITAR DO BRAZIL

#### CURSO ESPECIAL

##### 2.º ANNO

1.º Tenente João Nepomuceno da Costa — approvado plenamente em todas as cadeiras.

##### 1.º ANNO

2.º Tenente Candido Augusto Nunes Pires — approvado com distincção em uma cadeira e plenamente nas outras; Alferes Miguel Tenorio d'Albuquerque — plenamente em todas as cadeiras.

#### CURSO GERAL

##### 3.º ANNO

2.º Tenente Gustavo Lebon Regis — approvado plenamente em todas as cadeiras.

##### 2.º ANNO

Alferes Francisco Liberato de Bittencourt—approvado simplesmente em duas cadeiras; Alferes—alumno Nestor Passos — approvado com distincção em duas cadeiras e plenamente em outra.

##### 1.º ANNO

Victor Lapagesse — approvado plenamente em todas as cadeiras; Eugenio Trompowsky Taulois — approvado plenamente em duas cadeiras; alferes-alumno Nestor Passos — approvado plenamente em uma cadeira; Arnaldo Hautz—approvado plenamente em todas as cadeiras.

### FACULDADE DE MEDICINA

#### (CURSO DE PHARMACIA)

##### 2.º ANNO

Heitor Luz e Silva — approvado simplesmente em duas cadeiras.

### ESCOLA NAVAL

##### 4.º ANNO

Guarda-marinha Manoel Bricio Guillon—approvado plenamente em duas cadeiras; Guarda-marinha Nicanor Proença — approvado plenamente em todas as cadeiras.

##### 2.º ANNO

Leopoldo de Gomensoro — approvado com distincção em uma cadeira e plenamente em duas; Lucas Boiteux — approvado plenamente em duas; Raymundo

Mello B. de Mendonça — ap-  
provado plenamente em uma ca-  
deira e simplesmente em duas.

1.º ANNO

Armando Pessôa — aprovado  
plenamente em uma cadeira.

O livro de presença do « Centro  
Catharinense » accusou, em Ja-  
neiro proximo passado, 520 visi-  
tantes, ou mais 108 do que em  
Dezembro do anno findo.

Entraram para a bibliotheca  
do « Centro Catharinense », du-  
rante o mez de Janeiro findo,  
mais 20 volumes, dos quaes dez  
foram offerecidos pelo sr. Mario  
Emilio de Carvalho, quatro pelo  
sr. Pedro Cardoso, tres pelo sr.  
Antonio Rodrigues Pereira e os  
tres outros pelos srs. José Pedro  
Duarte Silva, J. S. Medeiros Fi-  
lho e Manoel Aguiar.

E' agradavel á directoria do  
« Centro » deixar lavrados os  
mais vehementes protestos de  
gratidão, a quem tão bem sabe  
compreender o seu esforço, ani-  
mando-a com tanta gentileza.

## REPRESENTANTES DA "REVISTA CATHARINENSE"

S. PAULO

S. PAULO—Oscar Natividade.

PARANA'

CURITYBA—Elpidio Werneck.

MORRETES—Affonso Laudislau Gama  
de Camargo.

SANTA CATHARINA

FLORIANOPOLIS—Francisco de Assis  
Costa (*Gabinete Sul Ame-  
ricano*).

TUBARÃO—Luiz Martins Collaço.

S. FRANCISCO—dr. Luiz Antonio Fer-  
reira Gualberto

CAMPO-ALEGRE—Coronel Guerreiro  
de Faria Filho

ESPIRITO SANTO

VICTORIA—Nelson Costa.

# GRANDE DEPOSITO E OFFICINA DE MARMORES

— DE —

## J. Emilio Bergmann & C.

Encarregam-se de todo e qualquer trabalho  
de marmores, monumentos, capellas, anjos, estatuas, fachadas de  
edificios, balaustradas, escadas, vasos, columnas, altares,  
pias baptismaes e para agua benta, banheiras,  
pedras para moveis, etc., etc.

ESCULTURA, ORNATOS E ARCHITECTURA

FINISSIMO GOSTO EM TRABALHOS PARA SEPULTURAS  
COM PERFEIÇÃO, BREVIDADE E PREÇOS RAZOAVEIS

*Mandam vir qualquer encomenda directamente da Europa, fornecem  
desenhos e incumbem-se de qualquer trabalho para o interior.*

**RUA DE S. JOSÉ 77**  
RIO DE JANEIRO